

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Edição especial
“Operação Carne Fraca”
22/03/2017
(atualizada em 29/03/2017)





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autor desta edição

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa



Florianópolis
2017

3

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: www.cepa.epagri.sc.gov.br/

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Gláucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Gláucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Haroldo Elias Tavares – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, www.cepa.epagri.sc.gov.br/. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Importância do setor de carnes em Santa Catarina e potenciais efeitos da “Operação Carne Fraca”

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Contextualização

O presente boletim tem por escopo a apresentação sintética da dimensão e da importância do setor de carnes para a economia catarinense, além de buscar identificar alguns riscos potenciais que se configuram no horizonte em decorrência da realização da “Operação Carne Fraca”.

A “Operação Carne Fraca”, deflagrada pela Polícia Federal no dia 17 de março, tem como objetivo desmontar supostos esquemas de corrupção envolvendo principalmente empresários do setor de carnes, funcionários de frigoríficos e servidores do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Em entrevista coletiva, os responsáveis pela operação informaram que, além de propinas, as irregularidades encontradas nos frigoríficos iam desde o uso de produtos químicos para mascarar carne vencida a excesso de água para aumentar o peso dos produtos.

Ao todo foram expedidos 37 mandados de prisão. As ações da operação atingiram de formas distintas 21 empresas, entre as quais 3 unidades industriais foram interditadas. Após a execução da operação, o Mapa suspendeu preventivamente as exportações oriundas das unidades investigadas e determinou a realização de auditorias em todas elas.

Apesar dessas medidas, no início desta semana alguns países importadores anunciaram ações restritivas à importação de carnes brasileiras. Embora *a priori* sejam medidas provisórias, os impactos negativos já se fazem perceptíveis e há o temor de que isso possa comprometer a imagem das carnes brasileiras no mundo e colocar em risco as exportações do País. O mercado interno também se constitui em preocupação, já que a repercussão negativa da operação pode abalar a confiança do consumidor no produto e ocasionar reduções no consumo (ao menos no curto prazo).

Não obstante o fato de que a maior parte das ações da Polícia Federal se concentrou no Paraná e em Goiás, certamente existe a possibilidade de Santa Catarina vir a ser afetada pelas consequências da “Operação Carne Fraca”, tendo em vista que o estado é um dos maiores produtores e exportadores de carnes do País. Além disso, uma das unidades interditadas localiza-se em Santa Catarina (no município de Jaraguá do Sul) e duas das maiores empresas do setor possuem diversas plantas agroindustriais no estado, sendo responsáveis por parcela significativa da produção. Deve-se ressaltar ainda que, tendo em vista a maneira como os fatos foram divulgados pelos responsáveis pelas investigações, a imagem de todo o setor corre risco.

A importância da produção de carnes no Brasil

Na pauta de exportações do Brasil, as carnes constituem-se no terceiro grupo de produtos com maior peso na balança comercial, perdendo apenas para o Complexo Soja e para os minérios. Em 2016 as receitas provenientes da exportação de carnes atingiram o valor de US\$14,21 bilhões (16,73% dos produtos agropecuários exportados pelo País).

Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA na sigla em inglês) apontam que o Brasil se destaca na produção das três carnes mais consumidas no mundo: 2º maior produtor de carne bovina, 2º maior produtor de carne de frango e 4º maior produtor de carne suína. Em termos de exportações, o País se sobressai ainda mais, sendo o maior exportador mundial de carne bovina e carne de frango, além de ocupar a 4ª colocação na exportação de carne suína.

Aliás, as exportações representam o destino de parcela significativa da produção brasileira. Em 2016, cerca de 18,4% da carne bovina, 19,4% da carne suína e 32,5% da carne de frango tiveram como destino o mercado internacional.

Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), o setor pecuário representa 31,1% do PIB total da agropecuária brasileira. De acordo com dados do Cepea, em 2016 o PIB da pecuária atingiu R\$457,69 bilhões, sendo a maior parte desse montante resultante das cadeias de carnes.

Recentemente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados da produção brasileira de carnes em 2016. Houve aumentos nas produções de carnes de frangos e de suínos e queda na produção de carne bovina.

Tabela 1. Produção de carnes no Brasil (peso de carcaça) – 2016

	2015	2016	Varição (%)
Carne bovina	7.493	7.350	-1,90%
Carne de frango	13.133	13.250	0,89%
Carne suína	3.430	3.711	8,19%

Fonte: IBGE, 2017.

Os números acima dão um indicativo da importância das carnes para a economia do Brasil, o que fica ainda mais reforçado pelas recentes informações divulgadas pelo Mapa de que o Brasil tem mais de 4.800 unidades agroindustriais que atuam no abate ou processamento de carnes, empregando centenas de milhares de trabalhadores.

A importância da produção de carnes em Santa Catarina

A agropecuária é um dos principais ramos da economia catarinense. Nesse segmento, destacam-se as cadeias produtivas das carnes. Conforme estudo feito pela Epagri/Cepa, em 2016 as três principais carnes (frangos, suínos e bovinos) apresentaram um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$12,48 bilhões, ocupando posições de destaque no ranking estadual de produtos da agropecuária: 1º (carne de frango), 2º (carne suína) e 6º (carne bovina). Além disso, o crescimento do valor bruto dessas atividades foi um dos principais responsáveis pelo aumento de 16,24% observado no VBP total da agropecuária catarinense de 2015 para 2016, com contribuição positiva para o Produto Interno Bruto Catarinense (PIB), diferentemente do que se observou nos demais setores da economia estadual.

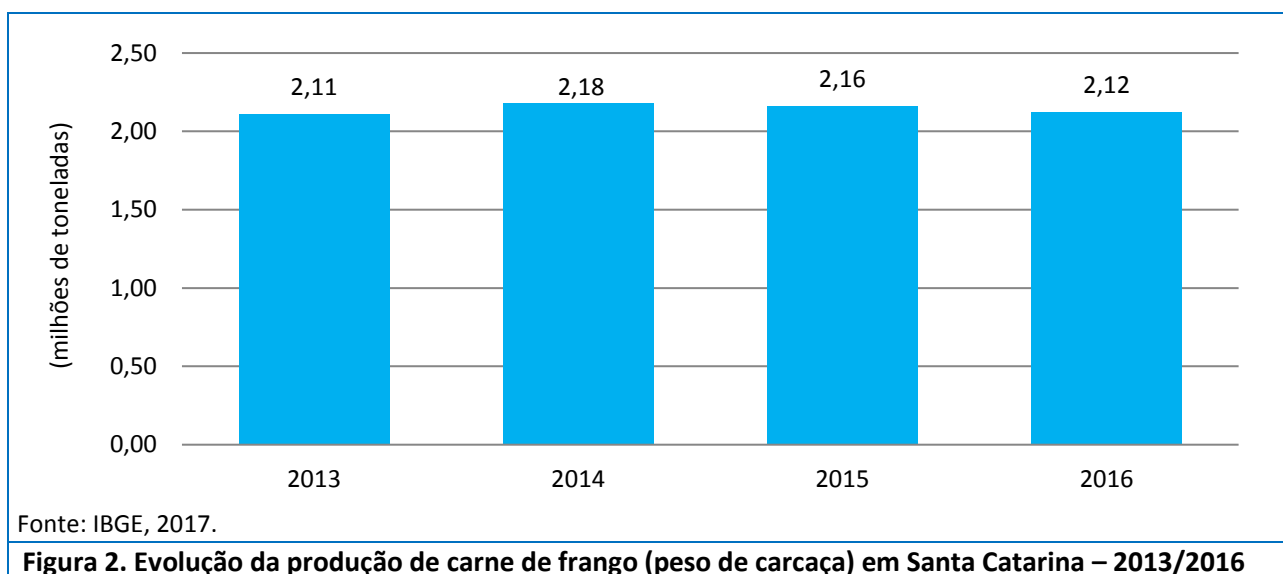
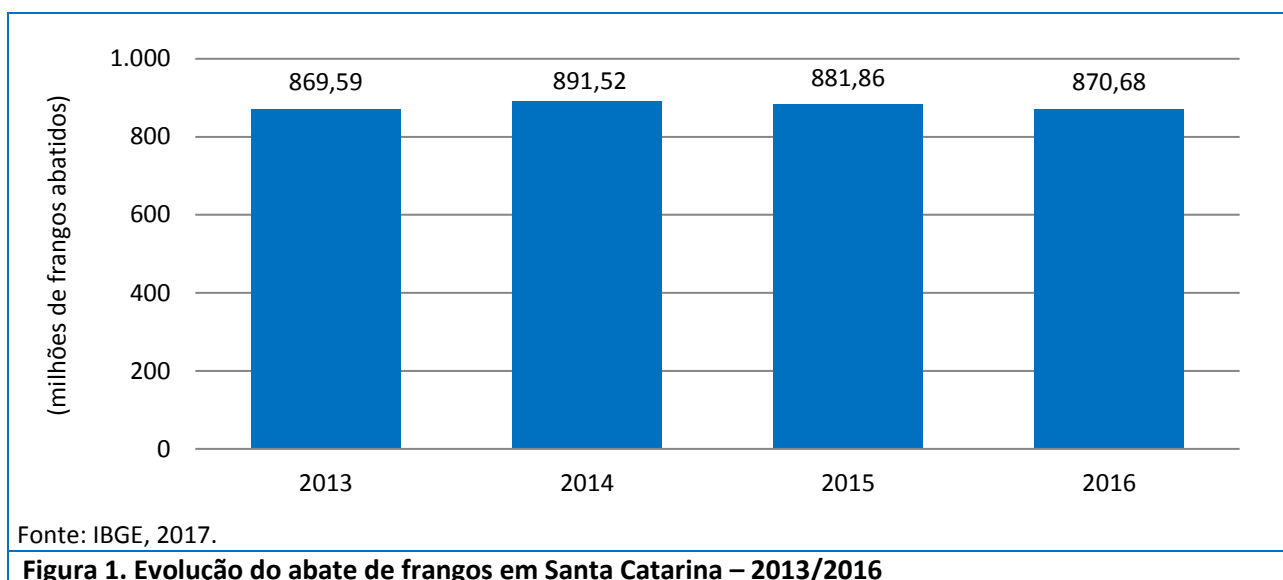
Santa Catarina destaca-se no cenário nacional das carnes, estando entre os principais produtores e exportadores do País. Os produtos catarinenses são exportados para 125 países.

A importância de Santa Catarina no setor de carnes fica mais evidente ao se levar em consideração que algumas das maiores e mais importantes agroindústrias do setor são originárias do estado. Além do peso econômico dessa atividade, é necessário considerar também sua relevância social e, mesmo, cultural.

Essa importância pode ser ilustrada com informações mais detalhadas sobre as três principais carnes produzidas no estado, conforme é feito na sequência.

Frangos

Em 2016 foram abatidos em Santa Catarina 870,7 milhões de frangos, com uma produção de 2,12 milhões de toneladas (peso de carcaça). A participação do estado na produção nacional de frangos de corte foi de 14,86% no número de animais abatidos e de 16,01% na produção de carne.



Santa Catarina ocupa a 2ª posição no ranking nacional, atrás do Paraná e à frente do Rio Grande do Sul. Somando-se a produção dos três estados, a Região Sul responde por 59,62% do total nacional (em termos de peso de carcaça).

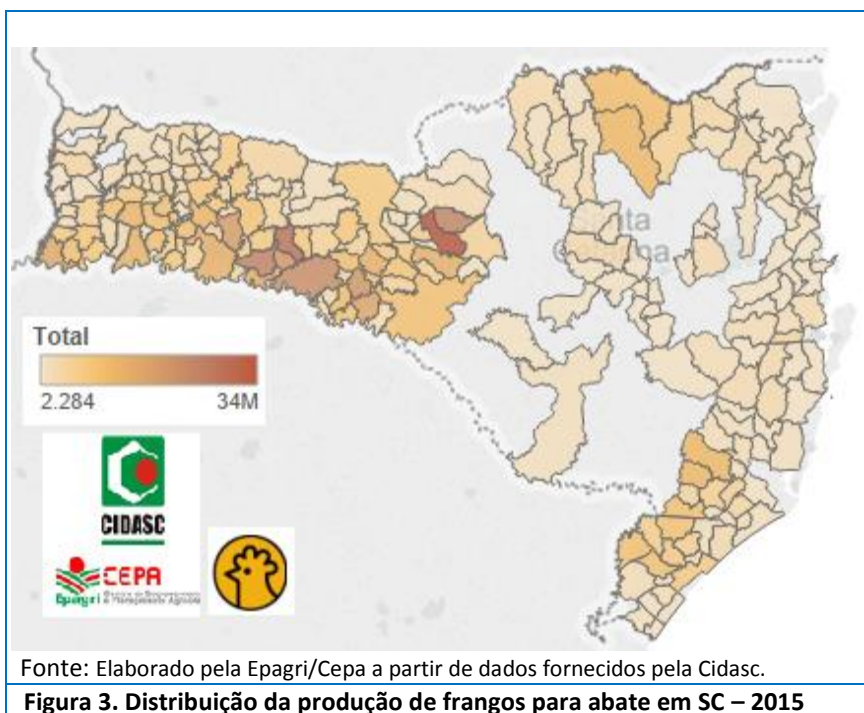
A produção estadual concentra-se na mesorregião Oeste Catarinense, responsável por cerca de 77% dos frangos abatidos em Santa Catarina. O destaque do Oeste Catarinense fica evidenciado com os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados e apresentados na Tabela 2 e na Figura 3, a seguir. As cinco primeiras microrregiões da tabela formam a mesorregião Oeste Catarinense.

A Figura 3, por sua vez, apresenta a distribuição da produção de frangos de corte nos municípios catarinenses no ano de 2015, de acordo com o município de origem dos animais. Os tons mais escuros representam um maior número de animais. O mapa abaixo encontra-se disponível na página eletrônica da Epagri/Cepa (informada no rodapé deste boletim), em formato interativo e com dados municipalizados.

Tabela 2. Produção de frangos por microrregião de origem dos animais – 2015

Microrregião	%
Joaçaba	22,94
Chapecó	21,52
Concórdia	18,20
Xanxerê	7,76
São Miguel do Oeste	7,37
Criciúma	5,17
Araranguá	4,89
Canoinhas	3,32
Tubarão	2,98
Curitibanos	1,26
São Bento do Sul	0,88
Tabuleiro	0,82
Florianópolis	0,81
Joinville	0,66
Blumenau	0,39
Rio do Sul	0,38
Tijucas	0,29
Itajaí	0,25
Campos de Lages	0,09
Ituporanga	0,04
Total	100,00

Fonte: Cidasc, 2016.



Além da produção, Santa Catarina se destaca também nas exportações brasileiras de carne de frango, ocupando a 2ª colocação no ranking nacional. De 2015 para 2016, as exportações cresceram em quantidade e reduziram um pouco em termos de valor. Já no 1º bimestre de 2017 aumentaram 3,68% em quantidade e 22,47% em valor, comparativamente ao 1º bimestre de 2016.

Tabela 3. Exportações de carne de frango de Santa Catarina – 2015/2017

	2015	2016	2017 ⁽¹⁾
Valor exportado (milhão - US\$)	1.791,00	1.704,49	269,88
Quantidade exportada (mil t)	984,32	1.000,78	148,48

⁽¹⁾ Valores referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2017.

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2017.

Em 2016, cerca de 47% da carne de frango produzida em Santa Catarina teve como destino o mercado externo, com exportações para 115 países, com destaque especial para a Ásia e a Europa. A Tabela 4 apresenta os principais países compradores do frango produzido no Estado em 2016 e no 1º bimestre deste ano.

Tabela 4. Principais destinos das exportações de carne de frango de Santa Catarina – 2016/2017

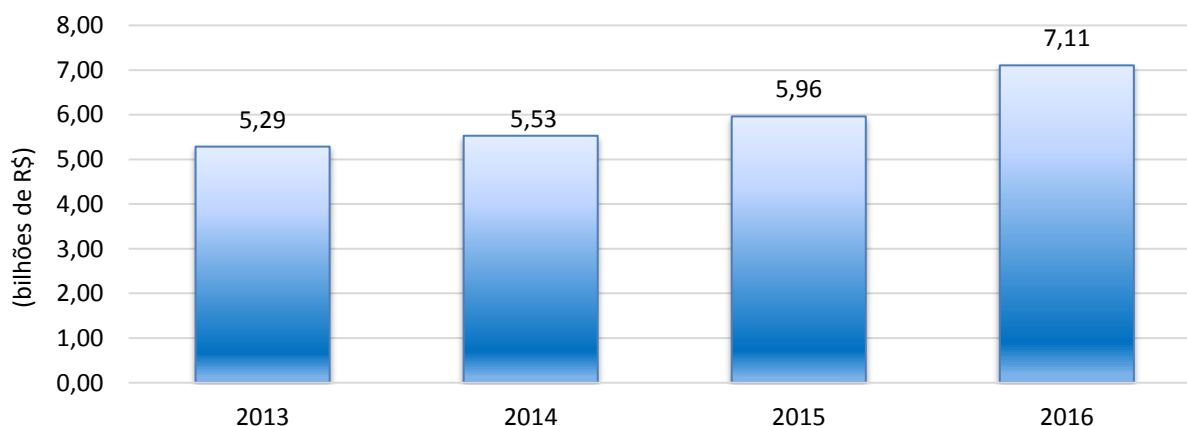
País	2016		2017 ⁽¹⁾	
	Valor (US\$)	Qtidade (t)	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Japão	265.358.367,00	144.671	49.288.803,00	25.162
China	198.617.528,00	110.545	29.261.121,00	15.969
Países Baixos	191.427.953,00	83.283	21.152.209,00	9.295
Arábia Saudita	144.688.391,00	90.142	18.090.498,00	9.892
Reino Unido	114.938.035,00	43.387	15.633.758,00	6.141
Coreia do Sul	83.842.061,00	45.464	12.264.244,00	6.483
Emirados Árabes Unidos	73.184.056,00	40.554	10.861.069,00	5.451
Alemanha	72.967.618,00	30.373	13.325.932,00	5.927
Cingapura	71.246.366,00	36.242	13.984.011,00	6.476
Hong Kong	48.332.625,00	34.802	7.817.509,00	5.706
Demais países	439.888.682,00	341.316	78.198.574,00	51.981
TOTAL	1.704.491.682,00	1.000.779	269.877.728,00	148.483

⁽¹⁾ Valores parciais, referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2017.

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2017.

Conforme dados de 2016, o número de produtores de frangos de corte em Santa Catarina é de 8.426, montante que inclui as diversas categorias de produtores (aves comerciais de corte, matrizeiros, avozeiros, etc).

Outro dado que revela a importância da avicultura para a economia catarinense é o Valor Bruto da Produção (VBP). De acordo com cálculos da Epagri/Cepa, em 2016 o VBP do frango foi de R\$7,11 bilhões, ocupando a 1ª posição entre as atividades agropecuárias desenvolvidas no estado.

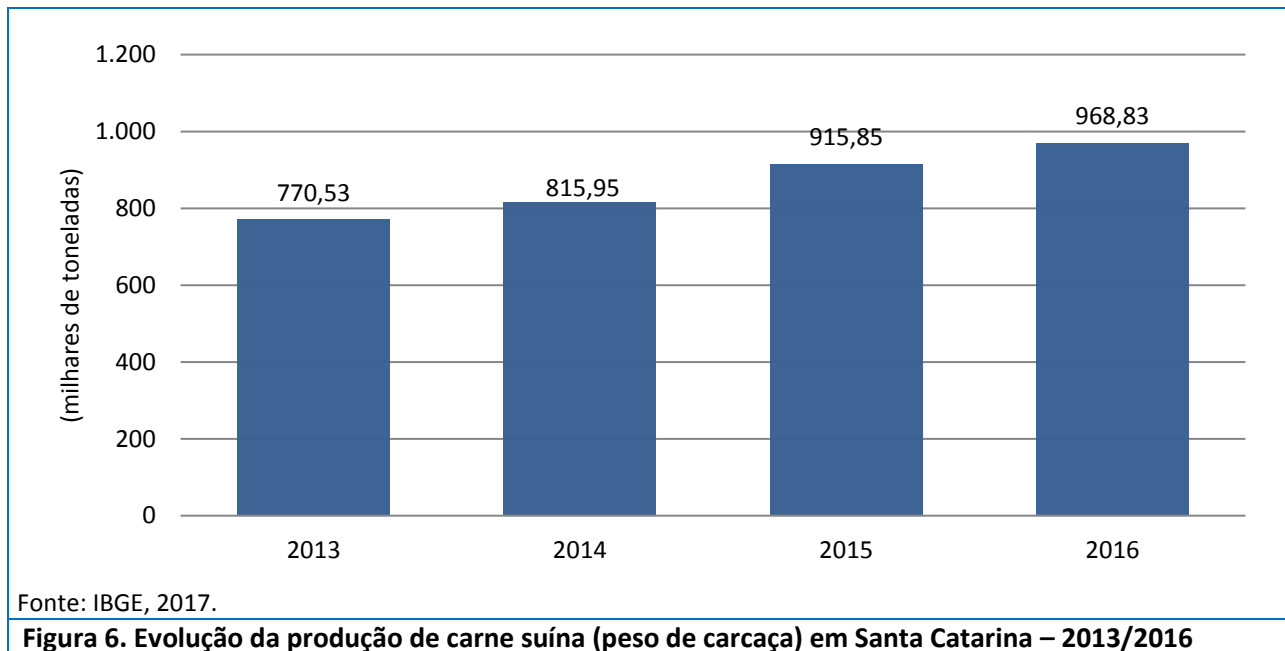
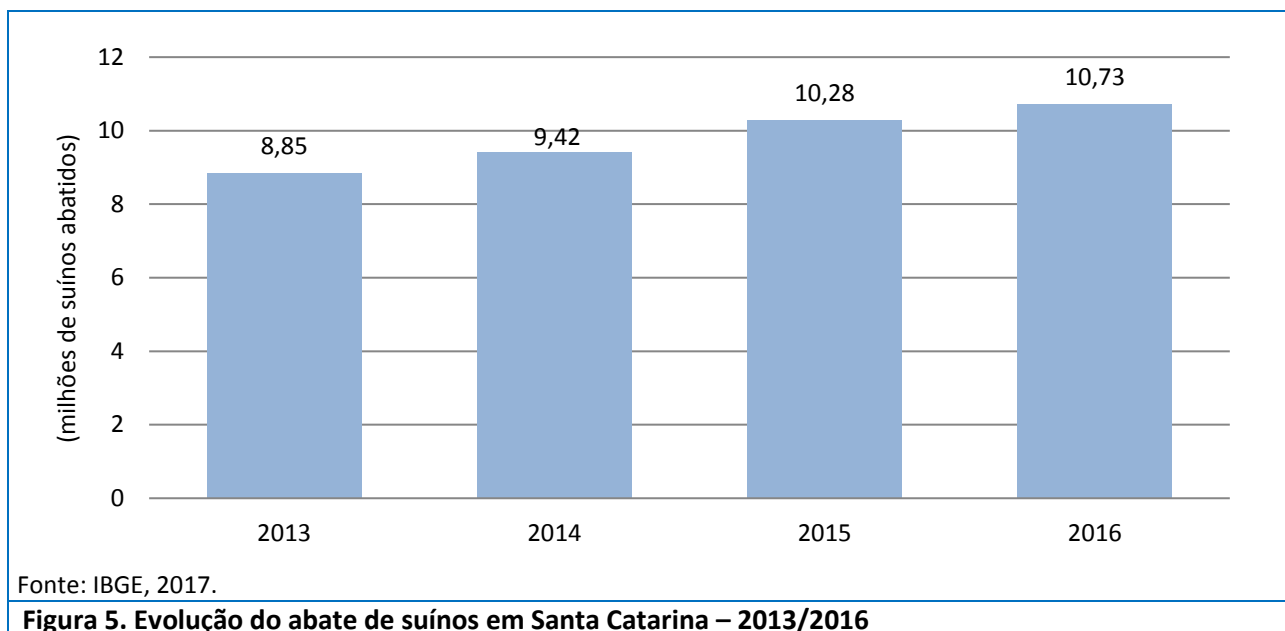


Fonte: Epagri/Cepa, 2017.

Figura 4. Evolução do VBP da carne de frango em Santa Catarina – 2013/2016

Suínos

Em 2016 foram abatidos em Santa Catarina 10,73 milhões de suínos, com uma produção de 968,8 mil toneladas (peso de carcaça) figura 5. A participação estadual na produção nacional de suínos foi de 25,35% do número de animais abatidos e de 26,11% da produção de carne (carcaça).



Em relação à produção, Santa Catarina ocupa a 1ª posição no ranking nacional, à frente de Paraná e Rio Grande do Sul. Somando-se a produção dos três estados, a Região Sul responde por 67,04% do total nacional (em termos de peso de carcaça).

A produção estadual concentra-se na mesorregião Oeste Catarinense, responsável por cerca de 78% dos suínos abatidos em Santa Catarina. Mais uma vez, o destaque do Oeste Catarinense fica evidenciado com os

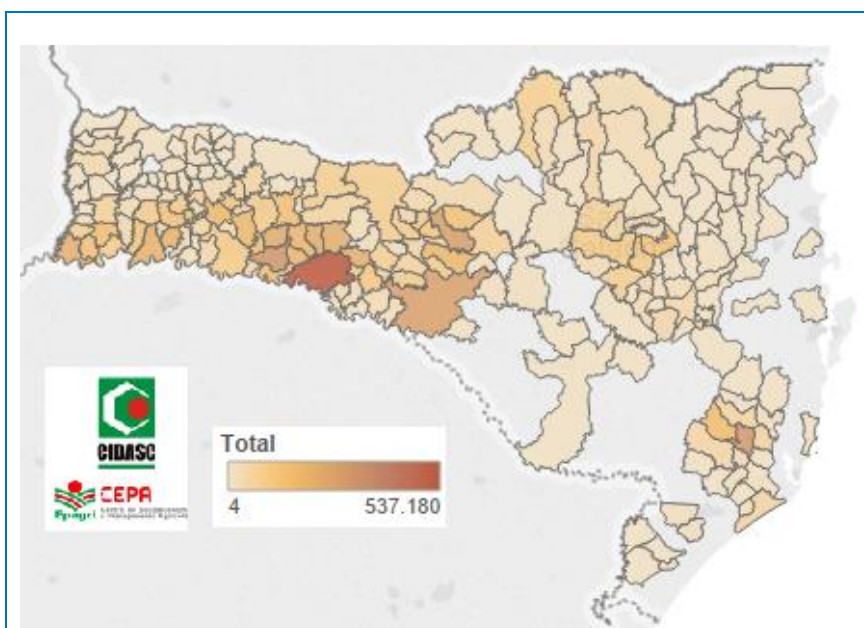
dados da dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), sistematizados na Tabela 5 e na Figura 7 abaixo. As cinco primeiras microrregiões da tabela formam a mesorregião Oeste Catarinense.

A Figura 7 apresenta a distribuição da produção de suínos nos municípios catarinenses no ano de 2015, de acordo com o município de origem dos animais. Os tons mais escuros representam um maior número de animais. O mapa abaixo encontra-se disponível na página eletrônica da Epagri/Cepa (informada no rodapé deste boletim), em formato interativo e com dados municipalizados.

Tabela 5. Produção de suínos por microrregião de origem dos animais – 2015

Microrregião	%
Concórdia	23,20
Joaçaba	19,49
Chapecó	17,46
São Miguel do Oeste	9,26
Xanxerê	8,64
Rio do Sul	7,32
Tubarão	7,09
Curitibanos	3,26
Canoinhas	2,18
Ituporanga	1,38
Blumenau	0,27
Criciúma	0,25
Joinville	0,08
São Bento do Sul	0,04
Campos de Lages	0,04
Tabuleiro	0,02
Araranguá	0,01
Florianópolis	0,01
Itajaí	0,002
Tijucas	0,0001
Total	100,00

Fonte: Cidasc, 2016.



Fonte: Elaborado pela Epagri/Cepa, a partir de dados fornecidos pela Cidasc.

Figura 7. Distribuição da produção de suínos para abate em SC – 2015

Além de ser o maior produtor nacional, Santa Catarina ocupa a também a 1ª colocação no ranking de exportações. Confor-me evidenciado na tabela 6, de 2015 para 2016 as exportações cresceram 26,11% em valor e 43,44% em quantidade.

Tabela 6. Exportações de carne suína de Santa Catarina – 2015/2017

	2015	2016	2017 ⁽¹⁾
Valor exportado (milhão - US\$)	440,27	555,23	100,63
Quantidade exportada (mil t)	191,03	274,01	46,13

⁽¹⁾ Valores referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2017.

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2017.

As exportações do 1º bimestre de 2017, por sua vez, apresentam um incremento de 33,27% em quantidade e de 74,61% em valor, na comparação com igual período de 2016.

Em 2016, cerca de 25% da carne suína produzida em Santa Catarina teve como destino o mercado externo, com exportações para 55 países, dentre os quais se destacam aqueles situados na Ásia e Europa. A Tabela 7 apresenta os principais países importadores no ano de 2016 e 1º bimestre de 2017.

Tabela 7. Principais destinos das exportações de carne suína de Santa Catarina – 2016/2017

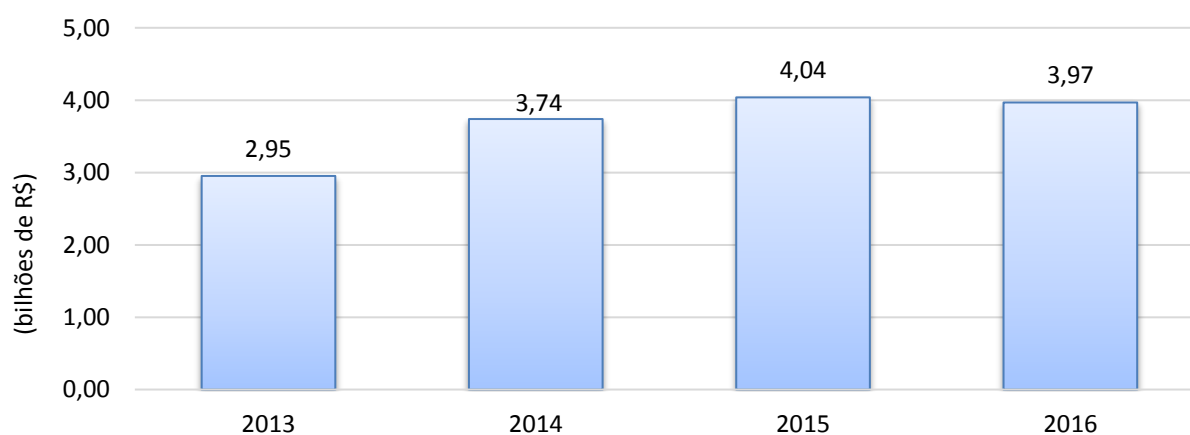
País	2016		2017 ⁽¹⁾	
	Valor (US\$)	Qtidade (t)	Valor (US\$)	Qtidade (t)
Rússia	181.292.106,00	89.517	37.100.269,00	16.084
China	134.919.209,00	63.779	20.001.074,00	9.762
Hong Kong	57.373.793,00	33.561	10.634.091,00	5.628
Chile	51.007.134,00	23.079	9.555.718,00	4.277
Argentina	25.404.154,00	9.011	6.782.599,00	2.261
Cingapura	23.120.623,00	10.866	4.565.939,00	2.032
Uruguai	12.299.539,00	5.891	1.901.385,00	801
Venezuela	12.142.368,00	2.488	-	-
Emirados Árabes Unidos	10.641.029,00	4.443	1.655.522,00	671
Angola	9.318.040,00	7.809	1.441.128,00	1.060
Demais países	37.709.996,00	23.628	6.989.804,00	3.556
Total	555.227.991,00	274.072	100.627.529,0	46.132

⁽¹⁾ Valores referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2017.

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2017.

Conforme dados de 2016 da Cidasc, o número de produtores de suínos em Santa Catarina é de 13.124, incluindo-se as diversas categorias de produtores (Ciclo Completo, Terminação, Creche, UPL, entre outras).

Outro dado que revela a importância da suinocultura para a economia catarinense é o Valor Bruto da Produção (VBP). De acordo com cálculos da Epagri/Cepa, em 2016 o VBP dos suínos foi de R\$3,97 bilhões, ocupando a 2ª posição entre as atividades agropecuárias desenvolvidas no estado, Figura 8.

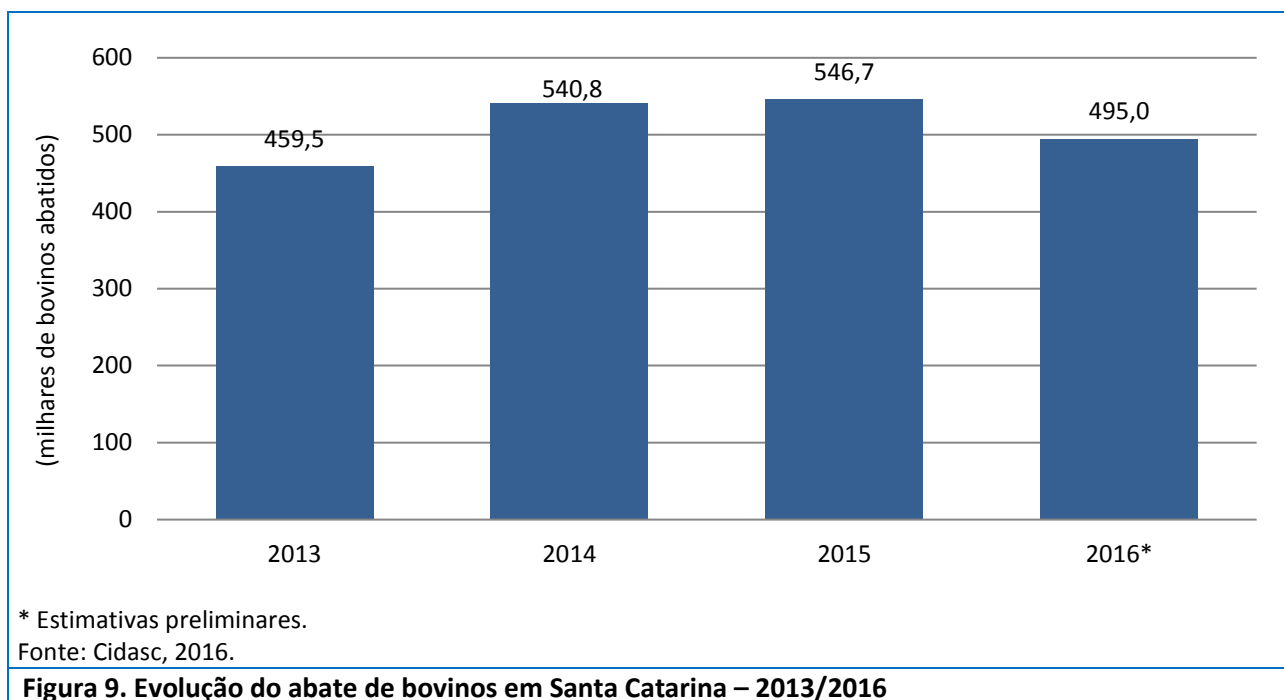


Fonte: Epagri/Cepa, 2016.

Figura 8. Evolução do VBP da produção de carne suína em Santa Catarina – 2013/2016

Bovinos

Em 2015 foram abatidos em Santa Catarina 546,7 mil bovinos, com uma produção de 122,5 mil toneladas (peso de carcaça). Em relação a 2016, embora os dados ainda sejam preliminares, verifica-se uma redução no volume de abates: estima-se o abate de 495 mil cabeças, com produção aproximada de 112 mil toneladas, Figura 9. Tal retração ocorreu principalmente em função da relativa estagnação nos preços desde 2015, o que desestimulou investimentos mais significativos de parcela dos produtores.



Os dados do IBGE apontam que o Estado de Santa Catarina ocupa a 13ª posição no ranking nacional em termos de produção de carne bovina.

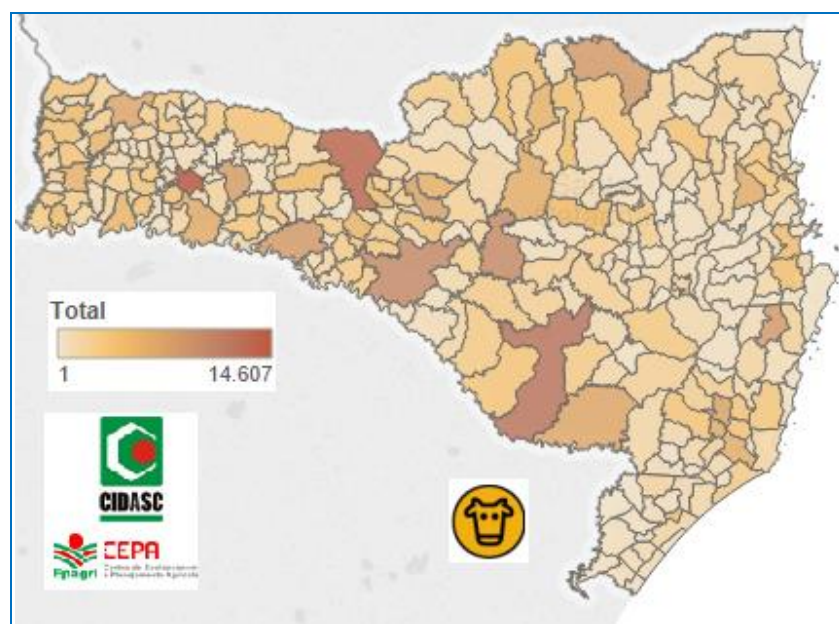
No âmbito estadual, a produção concentra-se essencialmente na mesorregião Oeste Catarinense, responsável por cerca de 49% dos bovinos abatidos em Santa Catarina, conforme fica evidenciado na Tabela 8, elaborada a partir de dados disponibilizados pela Cidasc. A referida tabela apresenta a distribuição dos bovinos abatidos no ano de 2015 de acordo com a microrregião de origem dos animais.

Já a Figura 10 apresenta a distribuição da produção de bovinos para abate nos municípios catarinenses no ano de 2015, de acordo com o município de origem dos animais. Os tons mais escuros representam um maior número de animais. O mapa apresentado na figura em questão encontra-se disponível na página eletrônica da Epagri/Cepa (informada no rodapé deste boletim), em formato interativo e com dados municipalizados.

Tabela 8. Produção de bovinos por microrregião de origem dos animais – 2015

Microrregião	%
Chapecó	14,77
Joaçaba	13,85
São Miguel do Oeste	10,00
Tubarão	8,26
Campos de Lages	7,95
Curitibanos	6,51
Canoinhas	6,15
Xanxerê	5,45
Concórdia	5,05
Blumenau	3,94
Rio do Sul	3,85
Florianópolis	2,97
Itajaí	2,47
Araranguá	1,80
Joinville	1,56
Criciúma	1,47
Tijucas	1,26
Ituporanga	1,19
São Bento do Sul	0,88
Tabuleiro	0,61
Total	100,00

Fonte: Cidasc, 2016.



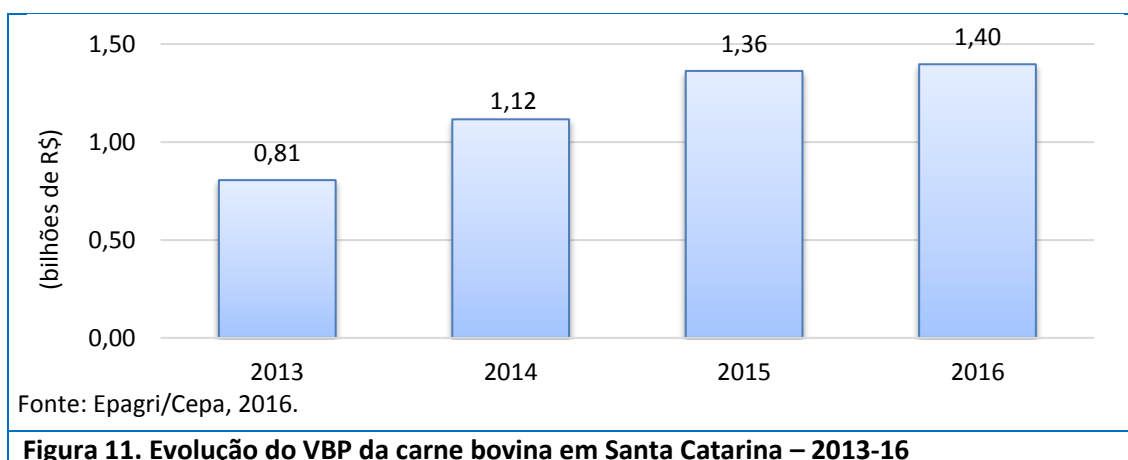
Fonte: Elaborado pela Epagri/Cepa a partir de dados fornecidos pela Cidasc.

Figura 10. Distribuição da produção de bovinos para abate em SC – 2015

As exportações de carne bovina do estado são pouco expressivas, tendo atingido o montante de 1,66 mil toneladas e US\$4,91 milhões em 2016. Aliás, grande parte da carne bovina consumida em Santa Catarina provém de outras unidades da federação. Estimativas de 2013 indicavam que cerca de 51% da carne consumida pelos catarinenses era oriunda de outros estados, cenário que provavelmente não se alterou significativamente.

Conforme dados de 2016, o número de produtores de bovinos em Santa Catarina é de 78.729, incluindo-se nesse montante os produtores com finalidade comercial e sem finalidade comercial.

Apesar de estar voltada essencialmente para o mercado interno, a carne bovina possui um peso significativo no Valor Bruto da Produção (VBP) do estado. De acordo com cálculos da Epagri/Cepa, em 2016 o VBP da produção bovina (destinada ao abate) foi de R\$1,4 bilhões, ocupando a 6ª posição dentre as atividades agropecuárias desenvolvidas no estado.



Potenciais impactos da “Operação Carne Fraca” sobre o setor

Imediatamente à divulgação dos “resultados” preliminares da “Operação Carne Fraca” começaram as especulações sobre os possíveis impactos sobre a cadeia produtiva de carnes, em especial sobre as exportações, e as primeiras repercussões negativas mais concretas.

Ainda na sexta-feira (17/março), dia em que o tema ganhou domínio público, as ações das duas maiores empresas do setor de carnes, JBS e BRF, registraram quedas de 10,59% e 7,25%, respectivamente, na Bolsa de Valores de São Paulo, o que contribuiu para a queda de 2,39% registrada pela Ibovespa nesse dia.

Apesar das medidas adotadas pelo Ministério da Agricultura (interdição de 3 unidades industriais, suspensão das exportações das 21 unidades investigadas, realização de auditorias, afastamento dos 33 servidores acusados de envolvimento nos esquemas fraudulentos, exoneração dos superintendentes dos estados do Paraná e Goiás, realização de coletiva para imprensa, entre outras), na segunda-feira (20/março) alguns países anunciaram restrições à carne brasileira, que vão desde suspensão das importações das unidades investigadas à suspensão provisória da entrada de carne brasileira em seus mercados.

Até o dia 22 de março (quarta-feira), 7 países já haviam se manifestado: China, Chile, Hong Kong, Egito, Japão, México e Suíça. Além disso, a União Europeia também solicitou a adoção de medidas por parte do governo brasileiro. As medidas anunciadas pelos países são as seguintes:

- União Europeia: suspensão temporária das importações das empresas envolvidas;
- China: suspensão temporária das importações brasileiras de carne e retenção nos portos dos produtos em trânsito;
- Chile: suspensão temporária das importações de carnes do Brasil (sem especificar se a medida valeria somente para as empresas envolvidas ou todas as demais);
- Hong Kong: suspensão temporária das importações de carnes do Brasil;
- Egito: suspensão temporária das importações de carnes do Brasil (informação ainda não oficializada);
- Japão: suspensão temporária das importações das empresas envolvidas;
- México: suspensão temporária das importações de carnes do Brasil (sem especificar se a medida valeria somente para as empresas envolvidas ou todas as demais);
- Suíça: suspensão das importações de parte das empresas investigadas.

Na segunda-feira (20/março) a Coreia do Sul havia anunciado a suspensão das importações da empresa BRF. Contudo, na terça-feira (21/março) recuou e suspendeu as medidas que havia anunciado inicialmente. Até o fechamento deste boletim (22/março) os demais países mantinham suas posições.

Em relação à Rússia, principal comprador da carne suína catarinense, tem sido noticiado pela imprensa que o governo daquele país observa o posicionamento da União Europeia e avalia eventuais medidas a serem adotadas.

Alguns especialistas da área econômica já apontam que as ações decorrentes da repercussão da “Operação Carne Fraca” podem ter impacto sobre a economia do País, inclusive afetando uma eventual recuperação do PIB, que parte do mercado apostava que iria ocorrer no segundo semestre deste ano e em 2018. No entanto, esses mesmos analistas ressaltam que o tamanho do impacto dependerá da duração das medidas de restrição às exportações e da abrangência da adesão. Uma empresa de consultoria econômica calculou que, na pior das hipóteses (um embargo maciço das importações de carnes pela maioria dos países), o impacto poderia atingir até 1% do PIB. Contudo, no momento não se vislumbra um cenário tão pessimista.

Outra empresa de consultoria (a inglesa Capital Economics) também avalia que uma eventual crise do setor de carnes pode prejudicar a recuperação da economia. Embora façam projeções de perdas de até US\$3,5 bilhões (0,2% do PIB), caso os países que já anunciaram a suspensão das importações mantenham as restrições por longo prazo, os economistas da consultoria também admitem que ainda é cedo para avaliar os reais impactos e os desdobramentos dessa operação.

Em entrevista concedida a um jornal, José Augusto Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), afirma que o resultado da situação desencadeada pela “Operação Carne Fraca” provavelmente será a queda das vendas ao mercado externo. Castro estima que a queda de receitas das exportações poderia chegar a 20% neste ano, com redução dos preços pagos e da quantidade exportada. O presidente da entidade observa ainda que a ação da PF veio num momento oportuno para os parceiros comerciais do Brasil, pois seria uma oportunidade para os compradores barganharem descontos. Desde o ano passado verificou-se aumentos significativos no preço internacional das principais carnes. Segundo levantamento da AEB, no últimos 12 meses a carne bovina subiu 10%, a de frango 23% e a carne suína 40%.

Alguns especialistas apontam que, por conta da repercussão negativa das denúncias apresentadas pela Polícia Federal, o Brasil poderia perder espaço para outros competidores no mercado mundial de carnes. Esse resultado seria um grande retrocesso, pois há vários anos o País vem investindo na estruturação de uma cadeia competitiva e na abertura de mercados, especialmente na última década.

Por outro lado, há analistas que avaliam que, apesar das consequências negativas dessa crise, seria muito difícil para os países importadores arranjam outros fornecedores que tenham um padrão de qualidade compatível com o do Brasil e capacidade de suprir as demandas no curto prazo. No caso da carne bovina, por exemplo, o País responde por cerca de 15% das exportações mundiais desse produto. Índia, Austrália e Estados Unidos, juntamente com o Brasil, compõem o grupo dos quatro maiores exportadores. Contudo, a qualidade da carne da Índia é considerada inferior à brasileira. A Austrália, por sua vez, passou por um período de seca nos últimos três anos que reduziu sensivelmente sua produção e as exportações daquele país. Por fim, os Estados Unidos teriam como empecilho as dificuldades diplomáticas decorrentes de posicionamentos do presidente Donald Trump, especialmente em relação ao Oriente Médio e demais países asiáticos.

No caso da carne de frango, o Brasil é responsável por cerca de 38% das exportações mundiais, conforme apontam dados do Usda referentes ao ano de 2016. Ou seja, a substituição de mais de 1/3 do volume das exportações mundiais certamente não é uma operação simples e que possa ser feita no curto prazo.

Assim, num contexto de aumento das pressões protecionistas mundo afora, uma das consequências mais prováveis desse processo é a imposição de tarifas alfandegárias aos produtos cárneos brasileiros, bem como eventuais reduções de valores pagos pela tonelada.

Não obstante a situação do mercado externo, é importante destacar que o mercado interno não vem passando por bons momentos nos últimos anos. Os cálculos preliminares apontam queda no consumo da maioria das carnes no ano de 2016 (no caso dos bovinos, esse fenômeno já foi observado em 2015).

A partir do último trimestre de 2015 agregou-se um novo componente às dificuldades já enfrentadas pelo setor: o aumento nos custos de produção (principalmente em razão das cotações recordes atingidas pelo milho, principal componente das rações), o que reduziu significativamente as margens das agroindústrias. No último trimestre de 2016 os preços do milho começaram a ceder, movimento que se intensificou com as expectativas favoráveis e a efetiva confirmação dos bons resultados da Safra 2016/2017 (1ª safra).

Contudo, a retração no consumo continua sendo uma preocupação central do setor, conforme já vínhamos destacando nas últimas edições do Boletim Agropecuário. Tal situação dificultava os ajustes de preços ao consumidor, já que uma medida desse tipo poderia implicar em redução no consumo (efeito sentido principalmente pela carne bovina, mas que também afetou as demais carnes).

A forma espalhafatosa como foram divulgados os resultados das investigações preliminares (“carne podre”, suposto uso de papelão como ingrediente em alguns alimentos, uso de substâncias supostamente cancerígenas para mascarar inconformidades, reembalagem de produtos com prazo de validade vencido, entre outros) criou um clima de insegurança entre os consumidores brasileiros. Embora grande parte das acusações tenham sido negadas pelas empresas e pelo Mapa e, posteriormente, diversos especialistas tenham minimizado algumas das situações apontadas pela Polícia Federal, ainda persiste certo receio quanto à efetiva confiabilidade dos sistemas de controle adotados na cadeia produtiva das carnes. As principais empresas do setor e a própria imprensa têm adotado medidas para acalmar a população, destacando tratar-se de casos isolados. Contudo, a internet e as redes sociais funcionam como veículos de disseminação com baixo grau de controle, especialmente quando se trata de informações de caráter sensacionalista (independente da veracidade ou não das mesmas).

Assim, é provável que no curto prazo sejam registradas reduções no consumo de carnes. Já a médio e longo prazos, embora não seja possível assegurar plenamente as consequências do processo atualmente em curso, há expectativa de que a confiança de grande parte dos consumidores seja restabelecida, na medida em que o impacto inicial das denúncias seja esvaecido e os mesmos tenham acesso cotidiano a informações detalhadas e compreensíveis sobre a segurança do sistema.

O governo de Santa Catarina tem repetidamente se manifestado sobre o assunto, assegurando a segurança dos produtos produzidos em Santa Catarina. Conforme manifestação do presidente da Cidasc, o Estado possui o melhor sistema de vigilância sanitária animal do País e um dos melhores do mundo, servindo de referência para diversos países.

Conforme relatado no Boletim Agropecuário nº 44 (Janeiro/2017), as expectativas de crescimento do setor pautavam-se muito nas exportações, de acordo com o que já vinha acontecendo durante o ano de 2016. Em dezembro do ano passado, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) previa um crescimento de 3% na produção e de 3 a 5% nas exportações de carne de frango. Em relação aos suínos, a previsão era de que a produção aumentasse 2% e as exportações 5%.

Embora ainda parem muitas incertezas sobre o futuro das exportações de carnes do País, é praticamente consensual que haverá impactos negativos. Contudo, os cálculos relativos à extensão dos mesmos neste momento são mais especulações do que projeções efetivas, já que não há definições quanto à duração e, em alguns casos, tampouco quanto à abrangência das restrições. Ademais, há ainda alguns países analisando a situação a aguardando os desdobramentos para adotarem eventuais medidas.

De qualquer forma, é necessário reconhecer que os países que até o momento anunciaram medidas são importantes parceiros comerciais brasileiros e catarinenses. Para que se tenha ideia da importância desses países, as tabelas a seguir apresentam os volumes e valores exportados por Santa Catarina para os mesmos durante o ano de 2016.

Tabela 9. Exportações catarinenses de carne de FRANGO para países que adotaram restrições – 2016

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)	Posição no ranking*	Participação no total exportado (%)**
Japão	265.358.367,00	144.671	1º	15,57
China	198.617.528,00	110.545	2º	11,65
Hong Kong	48.332.625,00	34.803	10º	2,84
Egito	37.017.050,00	26.923	11º	2,17
México	32.355.407,00	17.031	13º	1,90
Chile	24.128.865,00	14.857	15º	1,42
Suíça	8.071.849,00	3.736	31º	0,47
União Europeia	427.177.068,00	182.908	***	25,06
Total	1.041.058.759,00	535.474	-	61,08

* Posição do país no ranking de exportações de SC no ano de 2016, levando em consideração os valores.

** Participação de cada país/bloco em relação ao valor total exportado por Santa Catarina no ano de 2016.

*** Não foi estabelecida posição no ranking para a EU, tendo em vista tratar-se de bloco de países, enquanto os demais casos tratam-se de países isolados.

Fonte: Aliceweb/MDIC, 2017.

Tabela 10. Exportações catarinenses de carne SUÍNA para países que adotaram restrições – 2016

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)	Posição no ranking*	Participação no total exportado (%)**
China	134.919.209,00	63.779	2º	24,30
Hong Kong	57.373.793,00	33.561	3º	10,33
Chile	51.007.134,00	23.079	4º	9,19
Japão	6.222.711,00	1.740	11º	1,12
Egito	-	-	-	-
México	-	-	-	-
Suíça	-	-	-	-
União Europeia	267.188,00	101	***	0,05
TOTAL	249.790.035,00	122.260	-	44,99

* Posição do país no ranking de exportações de SC no ano de 2016, levando em consideração os valores.

** Participação de cada país/bloco em relação ao valor total exportado por Santa Catarina no ano de 2016.

*** Não foi estabelecida posição no ranking para a EU, tendo em vista tratar-se de bloco de países, enquanto os demais casos tratam-se de países isolados.

Fonte: Aliceweb/MDIC, 2017.

Tabela 11. Exportações catarinenses de carne de PERU para países que adotaram restrições – 2016

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)	Posição no ranking*	Participação no total exportado (%)***
Chile	20.040.903,00	6.521	2 ^o	29,45
Hong Kong	393.516,00	266	16 ^o	0,58
União Europeia	24.918.665,00	6.206	***	36,62
Total	45.353.084,00	12.993	-	66,66

* Posição do país no ranking de exportações de SC no ano de 2016, levando em consideração os valores.

** Participação de cada país/bloco em relação ao valor total exportado por Santa Catarina no ano de 2016.

*** Não foi estabelecida posição no ranking para a EU, tendo em vista tratar-se de bloco de países, enquanto os demais casos tratam-se de países isolados.

Fonte: Aliceweb/MDIC, 2017.

Conforme é possível verificar nas tabelas anteriores, os países que anunciaram restrições às carnes brasileiras representam uma parcela muito significativa das exportações das três principais carnes vendidas por Santa Catarina no mercado internacional. Ressalta-se que as importações de carne catarinense por parte da China vêm apresentando aumentos significativos nos últimos anos. Em relação a 2015, o ano de 2016 registrou aumentos de 28% na quantidade de carne de frango e de 1682% na carne suína embarcadas para aquele país.

É claro que seria um equívoco muito grande afirmar que o impacto das medidas restritivas sobre as exportações do estado equivale aos valores apresentados nessas tabelas. Em primeiro lugar, há que se ressaltar que grande parte dos países supramencionados restringiram as importações somente das unidades frigoríficas investigadas na "Operação Carne Fraca". Como já foi afirmado anteriormente, somente uma dessas unidades está localizada em Santa Catarina, no município de Jaraguá do Sul. Trata-se de uma filial de uma empresa paranaense, que produz basicamente linguiça frescal, salsicha e presunto, para abastecimento principalmente dos mercados do Paraná e de São Paulo. Ressalta-se ainda que a empresa, por ser de porte reduzido, pouco influencia no contexto estadual.

Além disso, a expectativa de que as restrições não tenham longa duração é outro fator para que se relativize os números das tabelas supramencionadas.

De qualquer forma, a incerteza com o que vai acontecer nas próximas semanas ou meses gera dificuldades ao setor para planejamento da produção e das escalas de abate. Para os frigoríficos que são mais dependentes das exportações, um paliativo é armazenar a produção até que os problemas sejam solucionados. Contudo, os limites de armazenagem impõem uma barreira a essa estratégia. Além disso, a armazenagem acarreta em aumento dos custos. Caso persistam as incertezas, muitas empresas devem começar a reduzir os novos alojamentos de animais e, quando possível, postergar ao máximo os abates.

A decisão da China de não permitir o desembarque dos produtos que já se encontram em trânsito para aquele país, até que se revogue a suspensão das importações, já tem causado alguns problemas às agroindústrias, já que isso aumenta significativamente os custos das mercadorias.

Conforme detalhado nas páginas anteriores, a produção pecuária catarinense envolve mais de 90 mil famílias em todo o estado, apenas em se tratando do elo primário da cadeia. Na avaliação do peso socioeconômico desse setor, há que se considerar também outras dezenas de milhares de trabalhadores das agroindústrias que atuam no ramo de abate de animais ou processamento de carnes, entre as quais cerca de 600 unidades são fiscalizadas pela Cidasc e outras 300 por órgãos federais.

A produção pecuária constitui-se num dos pilares da economia catarinense e qualquer ação que afete esse setor certamente traria consequências negativas à toda sociedade, seja de forma direta ou indireta. Contudo, não obstante algumas especulações iniciais, é cedo para diagnosticar a extensão da crise surgida após a deflagração da “Operação Carne Fraca”.

O governo do estado vem adotando as medidas consideradas necessárias para tranquilizar os consumidores e os países importadores, de forma a minimizar eventuais prejuízos. Os movimentos do mercado nacional e internacional nas próximas semanas ajudarão a delinear melhor a efetividade desses esforços e os potenciais impactos decorrentes da situação atual.

ATUALIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES (29/março)

Após a publicação deste boletim, em 22 de março, ocorreram algumas mudanças de cenário, principalmente em relação às exportações.

No dia 25 de março o Mapa informou que China, Chile e Egito anunciaram a retomada das compras de carnes produzidas no Brasil, ficando a suspensão de embarques restrita apenas às unidades frigoríficas investigadas na “Operação Carne Fraca”. No dia 28 de março foi a vez de Hong Kong anunciar a retomada das importações de carnes do Brasil.

Embora a crise não esteja superada, a decisão desses países trouxe um certo alívio ao setor. De acordo com cálculos da ABPA, somente passada por conta das exportações de carne de frango e carne suína que deixaram de ser realizadas na semana passada, as agroindústrias acumularam perdas de cerca de US\$40 milhões. O valor equivale a 22% da receita média semanal, segundo a entidade.

No dia 27 de março o Mapa anunciou a interdição de três novas unidades agroindustriais (além das três interditadas logo após a deflagração da operação que permanecem nessa condição). Segundo informações do ministro da agricultura em entrevista coletiva, os testes realizados em amostras de carne coletadas por uma força-tarefa organizada pelo ministério nas 21 unidades investigadas não encontraram sinais de riscos para a saúde humana. Contudo, foram detectadas fraudes econômicas, como quantidade de água acima dos limites permitidos no frango e adição de amido em salsichas fora dos padrões. Uma das empresas produtoras de ração para animais estava usando produtos vencidos, tendo sido interditada.

Apesar da retomada das importações de alguns dos principais compradores da carne brasileira, ainda persistem barreiras de diversos tipos em alguns países, conforme informações disponibilizadas pelo Mapa e apresentadas nos quadros a seguir.

SITUAÇÃO NOS MERCADOS IMPORTADORES DE CARNE DO BRASIL

Quadro 1. Países com mercados reabertos		
País	Situação	Abrangência/outras informações
Hong Kong	Reaberto em 28/março	21 SIFs envolvidos permanecem sob suspensão temporária
Barbados	Reaberto em 27/março	Só importa carne processada
China	Reaberto em 25/março	SIF nº 530 suspenso e registro de 7 veterinários brasileiros cancelados
Chile	Reaberto em 25/março	21 SIFs envolvidos permanecem sob suspensão temporária
Egito	Reaberto em 25/março	21 SIFs envolvidos permanecem sob suspensão temporária
Coreia do Sul	Reaberto em 21/março	Aumento de amostras inspecionadas

Quadro 2. Países/blocos que suspenderam apenas os SIFs investigados		
País	Situação	Abrangência/outras informações
África do Sul	Suspensão temporária e pedido de informações	6 SIFs exportadores suspensos
Arábia Saudita	Suspensão temporária e pedido de informações	4 SIFs envolvidos suspensos (SIFs nº 530, 1010, 270 e 2156)
Bahrein	Suspensão temporária	4 SIFs envolvidos suspensos (SIFs nº 530, 1010, 270 e 2156)
Canadá	Suspensão temporária	2 SIFs envolvidos suspensos
Emirados Árabes	Suspensão temporária	6 SIFs exportadores suspensos
Japão	Suspensão temporária	21 SIFs envolvidos suspensos
Peru	Suspensão temporária	2 SIFs suspensos e suspensão por 180 dias de novos pedidos de habilitação
Suíça	Suspensão temporária	21 SIFs envolvidos suspensos (segue a UE)
União Europeia	Suspensão temporária, intensificação de controles sanitários (100% das exportações brasileiras de produtos agrícolas) e pedido de informações detalhadas sobre 21 SIFs (decisão mantida em 24/3).	21 SIFs envolvidos suspensos (apenas 4 exportavam para o mercado europeu)
Vietnam	Suspensão temporária	21 SIFs envolvidos suspensos

Quadro 3. Países com barreiras aplicadas para além dos 21 SIFs suspensos pelo Mapa		
País	Situação	Abrangência/outras informações
Argélia	Suspensão temporária	Produtos cárneos
Bahamas	Suspensão temporária	Produtos cárneos
Granada	Recall no mercado interno	Carne processada
Jamaica	Suspensão temporária com recall de produtos no mercado interno	Carne processada
Marrocos	Suspensão temporária	Produtos cárneos
México	Suspensão preventiva	Produtos cárneos (Brasil exporta apenas frango)
Panamá	Suspensão temporária	Carne processada
Qatar	Paralisação de desembarço aduaneiro até validação de testes por amostragem	Produtos cárneos
Santa Lúcia	Suspensão temporária e recall de produtos no mercado interno	Carne processada
São Cristóvão e Névis	Suspensão temporária e recall de produtos no mercado interno	Carne processada
São Vicente Granadinas	Suspensão temporária com recall de produtos no mercado interno	Produtos cárneos
Trinidad e Tobago	Suspensão temporária com recall de produtos no mercado interno	Carne processada
Zimbábue	Suspensão temporário	Produtos cárneos

Quadro 4. Países que estabeleceram reforço no controle pelas autoridades sanitárias		
País	Situação	Abrangência/outras informações
Argentina	Reforço dos controles sanitários	Produtos cárneos
Benin	Adoção de medidas de controle reforçadas	Produtos cárneos
Estados Unidos	Aumento para 100% das amostras inspeccionadas (decisão mantida pelo USDA em 23/março)	Produtos cárneos
Malásia	Elevação dos controles sanitários para nível 5	Produtos cárneos

Quadro 5. Países que apresentaram pedidos de informações		
País	Situação	Abrangência/outras informações
Irã	Pedido de informações	Produtos cárneos
Israel	Pedido de informação sobre unidades exportadoras	Produtos cárneos
Rússia	Pedido de informações sobre SIFs específicos	Produtos cárneos